

GÊNERO TEXTUAL ORAL SEMINÁRIO: CONCEITO, VANTAGENS E DESAFIOS ENFRENTADOS POR ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA

Hugo Samuel Viana dos Anjos ¹
Claudia Gean Carneiro Araujo ²

RESUMO

O gênero textual oral seminário é uma prática de linguagem multimodal, ou seja, utiliza diversas formas de comunicação, como o uso de imagens, falas, gestos, textos escritos, dentre outras. Tal gênero permite ao estudante a vivência com práticas discursivas relevantes para o desenvolvimento da oralidade. Mesmo sendo um dos gêneros textuais mais abordados no ensino superior, muitos acadêmicos, ao ingressarem na universidade, enfrentam dificuldades relacionadas tanto ao planejamento quanto à execução de seminários. Essa problemática pode decorrer do fato de esse gênero não ser tão trabalhado por estudantes do ensino médio, e quando é, muitas vezes, tem sua estrutura e método alterados, visto que se trata de um gênero oral que exige um pouco mais de preparação intelectual e psicológica do aluno. Nesse sentido, este artigo objetiva discorrer e refletir sobre as vantagens e os desafios que os acadêmicos do ensino superior encontram para desenvolver seminários de maneira satisfatória. Teoricamente, no que concerne aos estudos sobre os gêneros orais, ancora-se nos fundamentos instituídos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004[2011]). Quanto à metodologia, optou-se por uma abordagem de dados quali-quantitativos, utilizando-se a aplicação de questionário em diferentes períodos do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro Universitário de Patos – UNIFIP. Os resultados apontam que, em relação aos acadêmicos que estão em períodos mais avançados, significativa parte dos alunos ingressantes no ensino superior apresenta dificuldades em fazer ou apresentar trabalhos com o gênero textual em discussão. Por outro lado, revelam que há vantagens no que se refere ao desempenho das práticas orais de linguagem e na aprendizagem mais efetiva de conteúdos específicos.

Palavras-chave: Gênero Textual, Seminário, Oralidade, Vantagens, Desafios.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar de maneira clara e objetiva concepções e discussões acerca do gênero textual oral seminário, ou exposição oral, como também é conhecido. Segundo Silva (2007, p. 37), o gênero seminário pode ser compreendido como “um gênero discursivo/textual, um evento comunicativo”, visto que é através da linguagem oral juntamente com outros meios linguísticos que essa prática escolar acontece. Nesse viés, é através, principalmente, das concepções de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Michèle Noverraz (2004[2011]), que este artigo procura entender e explicar a importância desse gênero textual para aquisição de boas práticas de linguagem oral na execução de trabalhos acadêmicos.

¹ Graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa no Instituto Federal da Paraíba - IFPB, hugosamuel15h@gmail.com;

² Professora Orientadora: Doutoranda em Linguística Aplicada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PpgEL, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, claudiagean@hotmail.com.

Ademais, busca-se expor suas principais características, analisar e destacar suas vantagens fundamentais, assim como alguns desafios enfrentados por alunos de ensino superior, mais especificamente, dos acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro Universitário de Patos – UNIFIP, PB.

Mas por que alunos de licenciatura? É sabido por todos nós que os cursos superiores de licenciatura formam indivíduos para ingressarem em salas de aula de escolas e atuarem como professores de determinada área. Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 126) também afirmam isso quando ressaltam que “nas escolas superiores, o apelo a diferentes recursos implicados na tomada de palavra em público é indispensável para garantir a eficácia em profissões tais como [...] professor”.

Nesse sentido, o gênero seminário tem muitas semelhanças com o de uma aula expositiva em uma escola, por exemplo. Sob essa perspectiva, se os alunos de licenciatura apresentam dificuldades com esse tipo de avaliação, como conseguirão ministrar aulas futuramente? A partir da problemática existente, buscamos responder aos questionamentos, justamente através desta pesquisa e da análise dos seus dados que serão mostrados posteriormente.

Nesse sentido, todas as reflexões obtidas foram por mérito de um questionário realizado com os discentes de diferentes períodos do curso de Pedagogia, para podermos analisar e comparar suas respostas, visando enxergar uma certa evolução com os trabalhos acadêmicos realizados através do gênero textual em questão, no decorrer do ensino superior perpassado por eles. Conforme esperado, viu-se que os alunos ingressantes no ensino superior apresentam, de fato, uma dificuldade maior em relação aos acadêmicos de períodos mais avançados do curso.

Sendo assim, viu-se a importância de se trabalhar a comunicação oral através de gêneros textuais que usufruam de práticas discursivas em sua trajetória pela educação básica. Sob essa ótica, observou-se que a falta de conhecimentos básicos com as práticas orais vem prejudicando indivíduos em diversas ocasiões de sua vida, não só em apresentações acadêmicas orais, uma vez que boas práticas discursivas são bastante exigidas em cursos de nível superior, principalmente aqueles de licenciatura, mas também em apresentações públicas no geral.

METODOLOGIA

As experiências obtidas com a disciplina de Prática de Ensino em Língua Portuguesa no Ensino Fundamental nos inspirou a estudar tal assunto através, primeiramente, de uma revisão bibliográfica acerca dos gêneros textuais orais, mais especificamente, do gênero oral seminário,

buscando estudos já realizados e conhecendo algumas concepções teóricas acerca do tema. Para essa pesquisa inicial, foi feita uma busca de artigos e periódicos científicos no banco de dados do Google Acadêmico, utilizando-se dos descritores de texto “Gênero Textual”, “Seminário”, “Conceito”, “Vantagens” e “Desafios”. Em segundo plano, buscamos analisar vantagens e desafios que alunos do ensino superior, com ênfase em alunos de licenciatura em Pedagogia, apresentavam ao realizar trabalhos acadêmicos por meio deste gênero textual, visto que é um dos mais cobrados por instituições de ensino superior.

Nesse viés, optamos em fazer uma pesquisa por meio de um questionário de perguntas objetivas, com uma abordagem quali-quantitativa, pois, conforme apresenta Knechtel (2014, p. 106), “[...] interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)”. Sendo assim, procuramos descrever o que os participantes pensam sobre o gênero abordado. No total, participaram da resolução do questionário 32 acadêmicos de todos os períodos do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro Universitário de Patos – UNIFIP, na Paraíba. Como propósitos, a pesquisa procurou analisar e entender quais eram as dificuldades que os alunos de licenciatura encontravam ao apresentar seminários acadêmicos. Além disso, o questionário foi aplicado em todos os períodos para que pudessemos verificar, também, a evolução em apresentar esse tipo de gênero textual.

REFERENCIAL TEÓRICO

O gênero seminário em pauta

Segundo Schneuwly (1994), os gêneros textuais (orais e escritos) são trocas sociais por meio de enunciados que são reconhecidos por intermédio de três características: o conteúdo presente no texto, seu estilo e sua estrutura. A linguagem humana acontece por meio de gêneros textuais, que ao contrário do tipos textuais, são diversos e incontáveis, já que surgem de acordo com a necessidade e propósito comunicativo de cada grupo de indivíduos. Sob essa perspectiva, nota-se que os gêneros textuais não estão relacionados unicamente a textos escritos, visto que existem os chamados *textos orais*, que são transmitidos através da linguagem oral (fala). A exemplo, temos o telefonema, que naturalmente acontece por meio da oralidade, entretanto não impossibilitado de se tê-lo como texto escrito; aula expositiva; reunião de condomínio; conversa espontânea; o seminário, foco deste artigo; etc.

O seminário trata-se de um gênero oral multimodal, haja vista não usufruir apenas de um único meio linguístico, neste caso a linguagem oral, para ser efetuado, mas também de textos escritos, gestos, falas, uso de imagens etc. Somando-se a isso, Dolz, Schneuwly e Haller (2004[2011], p. 135) afirmam que “a comunicação oral se desenvolve não somente no plano verbal e vocal, mas também no plano gestual.”, ou seja, efetuar atividades por meio desse tipo de gênero requer do indivíduo diversas práticas já conhecidas, ou já trabalhadas anteriormente.

Nesse viés, uma grande problemática em se trabalhar com o gênero seminário no ensino superior é justamente a falta dessas práticas e conhecimentos prévios dos alunos ingressantes em Instituições de Ensino Superior (IES). A respeito disso, Schneuwly (2004[2011], p. 25) afirma metaforicamente que

Os gêneros prefiguram as ações de linguagem possíveis: a existência do romance, seu conhecimento, senão seu controle pelo menos parcial, é a condição necessária da ação discursiva ‘escrever um romance’, assim como o conhecimento e o controle do machado são condições necessárias da ação de ‘cortar uma árvore’ (Schneuwly, 2004[2011], p. 25).

Ou seja, para que alguém consiga desenvolver algum trabalho através do gênero seminário é preciso já se ter o conhecimento desse gênero, e não só dele como também das práticas discursivas que o envolvem.

Esta condição o dificulta significativamente, porque muitos alunos ao se deparar com tal gênero pela primeira vez acham que o ato de ler aquilo que está no *slide*, por exemplo, vai contribuir para os seus conhecimentos na linguagem oral. Entretanto, os alunos não estão levando em consideração que esta comunicação oral não é “pura” como afirma Schneuwly:

o oral ‘puro’ escapa de qualquer intervenção sistemática; aprende-se naturalmente, na própria situação. O oral que se aprende é o oral da escrita; aquele que se prepara a escrita, pois permite encontrar ideias, elaborar uma primeira formulação; aquele que, por meio das correspondências grafofonêmicas, permite passar ao código escrito; finalmente e principalmente, aquele que não é senão a oralização de um escrito (Schneuwly, 2004[2011], p. 112).

Sob essa perspectiva, não é esse o tipo de oralidade que os professores de nível superior devem trabalhar com os alunos universitários, mas sim o oral espontâneo, que segundo Dolz, Schneuwly e Haller (2004[2011], p. 132), é uma “fala improvisada em situação de interlocução conversacional”, ou seja, não é apenas ler em voz alta um texto que foi escrito e planejado previamente que vai contribuir com as práticas orais dos discentes, mas sim utilizar desses textos escritos, imagens, vídeos para mostrar sua opinião de maneira não sistêmica, e sim

espontânea. Em outras palavras, é demonstrar aquilo que se entendeu, compreendeu, e se interpretou através do texto escrito; não ler aquilo que está em evidência.

Multimodalidade

Conforme Dionísio (2005, p. 178) a multimodalidade se refere ao uso das diversas formas de linguagem que compõem as modalidades de textos escritos ou orais, tais como gestos, palavras, imagens, sons, expressões faciais e corporais, entonação da voz, etc. Portanto, a autora reconhece “a multimodalidade discursiva como um traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais”. Isto implica dizer que a linguagem humana é muito diversificada, e pode ocorrer de diversas formas, através da escrita, da fala, da utilização de sinais e gestos etc. Dessa forma, a comunicação entre os seres humanos ocorre através dos gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. Sob essa perspectiva Dionísio (2005, p. 178) nota que “quando falamos, usamos não só a voz, mas também o corpo, pois fazemos gestos, maneios de cabeça, entoações que podem sinalizar uma pergunta, uma crítica, um elogio, por exemplo.”

Ainda nas concepções de Dolz, Schneuwly e Haller (2004, [2011] p. 134), a comunicação oral não se utiliza apenas “de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de uma atitude”. Então, é através de meios não linguísticos que a comunicação oral confirma ou invalida, de fato, aquilo que a verbalização está indicando. Por exemplo, quando comemos algo que não gostamos e dizemos verbalmente que gostamos daquela comida, mas nossa expressão facial está dizendo o contrário (que não gostamos), a mensagem que se passa não é aquela que foi verbalizada oralmente, mas sim a que foi demonstrada através da atitude corporal de fazer uma expressão facial de negação.

O gênero seminário vai se utilizar da multimodalidade, uma vez que diversos meios não linguísticos estão presentes em sua efetuação. Dolz, Schneuwly e Haller (2004[2011], p. 134) demonstram em um quadro diversos exemplos, como meios para-linguísticos (qualidade da voz, entonação), meios cinésicos (atitudes corporais, movimentos, gestos), posição dos locutores (ocupação dos lugares, que geralmente é em frente a turma), aspectos exteriores a apresentação (como o uso de vestimentas adequadas, já que se trata de uma apresentação pública), etc.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gênero textual seminário é definido por Lakatos e Marconi (2003, p. 35) como “uma técnica de estudo que inclui pesquisa, discussão e debate”. Ainda segundo as autoras tem como finalidades o aprender e o ensinar a pesquisar. Nesse contexto, nota-se que é através da pesquisa autônoma que se adquire conhecimentos sobre determinado assunto, e já que nesse tipo de gênero o aluno ou o grupo de alunos irão ensinar a um público sobre determinado assunto, é essencial que aquele(s) indivíduo(s) tenha(m) um certo domínio do conteúdo para que ele(s) possa(m) conseguir repassar o conhecimento que tem. A respeito disso, Gonçalves e De Souza Bernardes (2010) apontam a seguinte hipótese: os alunos reconhecem a importância de se ter domínio do oral para se comunicar em público, porém ainda não se sentem seguros o suficiente. O questionário aplicado com os acadêmicos de diferentes períodos do curso de Licenciatura em Pedagogia afirma que apenas 23,3% dos alunos acham fácil utilizar esse tipo de gênero em trabalhos acadêmicos, enquanto o restante (76,7%) acham mediano ou muito difícil.

Bueno (2018) apresenta novas perspectivas quanto ao trabalho com o gênero seminário. Uma delas é a divisão dele em duas etapas: a preparação e a apresentação. Em nossa pesquisa, os alunos foram questionados da seguinte maneira: “Muitas vezes a dificuldade de apresentar um trabalho acadêmico é afetada pela preparação. **A respeito disso, você costuma se preparar antecipadamente?**”. Os dados apontam que 73,3% dos entrevistados se preparam sempre, antes de apresentar algum seminário.

É notório que em qualquer atividade existem benefícios, mas também dificuldades a serem enfrentadas. Sob essa ótica, quando questionados sobre possíveis fatores que poderiam atrapalhá-los em uma apresentação de seminário o incômodo de falar em público foi demonstrado por 66,7% das respostas. Os resultados foram semelhantes ao questionário feito por Gonçalves e De Souza Bernardes (2010) em escolas da rede pública da cidade de Dourados (MS), onde as respostas dadas pelos alunos foram, em sua grande maioria, que “tinham medo de falar em público ou vergonha”.

Um dos grandes desafios com esse tipo de gênero é que os conhecimentos orais se devem a práticas adquiridas com o tempo, ou seja, para se ter o domínio do oral é necessário que se tenha prática. Nesse contexto, Dolz e Schneuwly (2004[2011], p. 43) conceituam *práticas de linguagem* “aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história”. A respeito disso, os acadêmicos de Pedagogia foram questionados sobre suas práticas a partir de seminários acadêmicos em sua trajetória pela educação básica. Os resultados obtidos apontam que 13,3% nunca apresentaram seminários enquanto estavam no ensino médio ou fundamental, e 30% deles afirmaram que o faziam raramente. Apesar de não se tratar de uma maioria, os números ainda são altos, e podem provocar uma grande perda de oportunidades futuras, assim

como aumento da defasagem de conteúdos para aqueles que nunca o fizeram. Ainda conforme Gonçalves e De Souza Bernardes (2010) essas práticas orais ajudarão esses discentes em perder a vergonha em falar para um público citada anteriormente.

Por outro lado, Dolz e Schneuwly (2004[2011], p. 184) afirmam que a exposição oral é um instrumento de transmissão de conteúdos e, “sobretudo para aquele(a) que a prepara e apresenta, a exposição fornece um *instrumento* para aprender conteúdos diversificados [...]”. Sob essa perspectiva, conseguimos, através da pesquisa, ver a concretização dessa tese, visto que 53,3% dos pesquisados afirmam que, de fato, o gênero oral seminário contribui (u) muito para aprendizagem mais efetivas dos conteúdos, e 30% deles relatam que contribui (u) ao menos relativamente. Percebemos, então, uma grande vantagem no processo ensino-aprendizagem, a aprendizagem dos conteúdos de maneira significativa, como afirmam Dolz e Schneuwly (2004[2011]) em seus “agrupamentos de gêneros, o seminário está entre os domínios sociais de comunicação da transmissão e construção de saber”.

Veiga (1996, *apud* Gonçalves; De Souza Bernardes, 2010) afirma que o seminário, através do diálogo e discussão, irá proporcionar uma “compreensão crítica da realidade social, visto que ele fomenta a discussão, o envolvimento (...)”. Sob essa afirmação, os dados da pesquisa realizada apontam que 42,9% dos estudantes acham que as práticas vivenciadas através desse gênero textual contribuíram muito para suas práticas orais de linguagem e 57,1% ao menos relativamente, o que demonstra a concretização da tese de Veiga.

Um ponto de destaque, neste estudo, é que os conhecimentos orais se devem a práticas adquiridas com o tempo, ou seja, para se ter o domínio do oral é necessário que se tenha prática. Nesse viés, Bueno (2018, p. 13) afirma que antes de tomar o seminário como avaliação, devemos tê-lo como objeto de ensino, para que os alunos consigam efetivamente as práticas da linguagem oral sem nenhuma ou ao menos pouca dificuldade em apresentações orais públicas.

Ademais, outra vantagem significativa de se escolher o gênero oral seminário é a possibilidade de se trabalhar em equipe com os alunos, favorecendo a troca de discussões, de saberes, de novos aprendizados, fazendo com que tenham contato com diferentes pontos de vistas sobre determinada área e até mesmo opiniões contrárias, incentivando, assim, o pensamento crítico dos estudantes e, acima de tudo, o interesse em participar do trabalho. Em nossa pesquisa, os dados obtidos são que 64,3% dos acadêmicos se sentem estimulados a participar de trabalhos em equipe. Gonçalves e De Souza Bernardes (2010) trazem essa mesma perspectiva em seus estudos, e a denomina de “ensino socializado”. Tal ensino irá contribuir para “a interação e o dialogismo” (Gonçalves e De Souza Bernardes, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que motivou este estudo foi a inquietação em entender a importância da comunicação oral em um contexto de nível superior, e compreender o porquê de tantos alunos terem dificuldade em tais campos de saber. Com a pesquisa, observou-se que o pouco espaço dedicado aos gêneros orais na educação básica contribui para o entrave que os estudantes enfrentam no futuro acadêmico. Sobre isso, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004[2011]) relatam que se deve existir uma aprendizagem precoce para assegurar o domínio da comunicação oral ao decorrer do tempo. Explicam, também, que isso não significa ensinar o complicado para aqueles que deveriam estar aprendendo o básico, mas retomar e praticar anualmente as mesmas práticas de linguagem em diferentes etapas do ensino, vai ajudar a efetivar o efeito do ensino a longo prazo e a construção da aprendizagem contínua.

Nesse sentido, procuramos trazer à baila discussões sobre a concepção do gênero seminário e destacar a importância de se trabalhar com os gêneros textuais orais para adquirir coragem para apresentações orais públicas, utilizando como treinamento o uso do gênero abordado, que ajudará o aluno não somente no desdobramento da comunicação oral pública, mas também, intensificará o modo como os estudantes estudam e pesquisam. Ademais, possibilitará uma aprendizagem mais efetiva de objetos de conhecimento, pois como relata Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004[2011], p. 85) “para um seminário, os alunos deverão conhecer bem o que explicar a outrem e terão, eventualmente, aprendido os conteúdos em outras áreas de ensino (história, geografia, ciências etc.)”.

Os resultados apontaram que o seminário oportuniza preparação dos estudantes para o conhecimento da sua própria língua e conhecimentos variados, não só dele próprio como também de vários gêneros textuais que podem estar inseridos nele. Além disso, prepara o acadêmico de ensino superior para situações futuras do dia a dia, não só para aqueles que se tornarão professores, mas também para outros profissionais, como “jornalistas, advogados, homem de negócios [...]” (Dolz, Schneuwly, Haller, 2004 [2011], p. 126).

Contudo, não é o tipo de atividade que deve ser apenas imposta ao aluno sem nenhuma orientação, muito pelo contrário. Por se tratar de um gênero multimodal, é exigido do aluno diversas práticas já citadas anteriormente e é dever do professor, como mediador do conhecimento, ensinar aos alunos tais práticas. Ademais, o professor deve entender a necessidade do seu aluno e definir o espaço que será ocupado por ele futuramente, produzindo atividades que irão realmente ter significado para sua vida acadêmica e no trabalho.

Por fim, outro aspecto encontrado com esta pesquisa está relacionado à multimodalidade e seus aspectos não-linguísticos. Observou-se que o seminário contribui não apenas com as práticas orais, mas também com as práticas cognitivas, como ritmo da fala, entonação, a utilização de palavras adequadas para determinados contextos; físicas, como o uso de gestos, vestimentas; comportamentais, como expressões faciais etc. Sendo assim, pode-se dizer que o seminário é uma estratégia de ensino multidisciplinar capaz de proporcionar habilidades em diversas áreas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, inicialmente, a Deus, por me dar forças para continuar estudando e pesquisando todos os dias, contribuindo para Educação do país.

Em segundo lugar, a todos os acadêmicos do curso de Pedagogia, do Centro Universitário de Patos – UNIFIP, por contribuírem com esta pesquisa, respondendo o questionário que foi solicitado.

E, principalmente, a minha orientadora, Cláudia Gean Carneiro Araujo, que sempre nos incentivou na área da pesquisa, inspirou-me através de uma atividade em sala a produzir este artigo e me aprofundar nos conhecimentos sobre gêneros orais. Além disso, incentivou-me a sempre continuar e não desistir da pesquisa mesmo com os obstáculos que enfrentei.

REFERÊNCIAS

BUENO, Luzia. Gêneros orais: elementos linguísticos e não-linguísticos. **I Simpósio mundial**, 2008.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. **Fala e Escrita. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 177-204, 2005.

DOLZ, Joaquim et al. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. **Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras**, p. 95-128, 2004[2011].

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita—elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). **Gêneros orais e escritos na escola**, v. 2, 2004[2011].

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. **Gêneros orais e escritos na escola**, v. 2, p. 125-158, 2004[2011].



KNECHTEL, M. R. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. **Gêneros orais e escritos na escola**, v. 2, p. 19-34, 2004[2011].

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. **SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras**, p. 109-124, 2004[2011].

SILVA, Marcelo Clemente da. **O letramento escolar: descrição de uma proposta de ensino do seminário. 2007. 151 f.** 2007. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

GONÇALVES, Aldair Vieira; DE SOUZA BERNARDES, Elizete. O gênero seminário: usos e dimensões ensináveis. **revista Linguagem**, v. 14, n. 1, 2010.